



APRESENTAÇÃO**Pela promoção das ciências da cultura: contribuições semióticas***

Ivã Carlos Lopes**

José Américo Bezerra Saraiva***

Eliane Soares de Lima****

Com este número, a revista *Estudos Semióticos* oferece ao leitor, mais uma vez, a diversidade de objetos que marca a semiótica quando se dispõe ao exame de textos concretos procedentes de toda e qualquer esfera discursiva e também de quaisquer linguagens de manifestação. A leitura revelará, ao mesmo tempo, um fértil diálogo no terreno conceitual, diálogo que, assim desejamos, ultrapassa as fronteiras de escolas teóricas e vem contribuir para a construção da agenda semiótica amplamente considerada, sempre à escuta do momento epistemológico e dos desenvolvimentos contemporâneos das teorias do texto, no horizonte da sociedade e da cultura. Não é indiferente uma construção assim nesta hora. Se há crise pelo mundo afora e se a irrupção da pandemia de coronavírus fez de 2020 um ano ruim por toda parte, que dirá então no Brasil, onde esse está longe de ser o maior dos infortúnios. Ao lado de tantos outros empenhados na resistência ao governo da ignorância, do obscurantismo, do aviltamento da cultura, da educação e da pesquisa, nosso trabalho, por meio do estímulo ao florescimento e divulgação das investigações semióticas, visa a compor forças na defesa desses campos hoje tão desconsiderados, preparando um amanhã mais auspicioso.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2020.175009> .

** Editor responsável. Docente do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP). Endereço para correspondência: lopesic@usp.br . ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0153-1949> .

*** Editor responsável. Docente do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço para correspondência: jabsaraiva@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0483-4996> .

**** Editora responsável. Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística geral da Universidade de São Paulo (USP). Endereço para correspondência: li.soli@usp.br . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0198-4473> .

É uma honra abrir esta edição da revista *Estudos Semióticos* com um texto de François Rastier, pesquisador do CNRS em Paris e um dos maiores linguistas em atividade no cenário internacional. Em breves páginas, seu artigo "Linguística e ciência da literatura" traz muito a ser meditado. Para falar das relações entre os estudos literários e linguísticos, ele recorda as remotas raízes comuns a ambos, na Antiguidade, quando suas tarefas ainda eram confluentes dentro de um vasto projeto filológico voltado ao conhecimento de uma cultura por meio do estudo rigoroso de seus textos literários. Ainda no *Trivium*, ao longo da Idade Média, gramática, dialética e retórica se avizinhavam e sucediam no ensino dispensado aos jovens pela Igreja. Com o avançar do tempo, no entanto, as problemáticas lógico-gramatical, de um lado, e retórico-hermenêutica, de outro, irão consolidar-se de forma relativamente autônoma, ora se aproximando, ora se afastando no universo da pesquisa. Mesmo o advento da linguística, na passagem dos séculos XVIII a XIX, preservará um bom trânsito entre elas, pois haverá, desde a época do método histórico-comparativo até o período áureo do estruturalismo nas humanidades (*grosso modo*, até a década de 1960), um pronunciado interesse dos literatos pelas teorias oriundas do campo da linguagem, e, reciprocamente, os grandes linguistas trabalharão todos, em alguma medida, sobre *corpora* literários. A situação muda, a seguir, com a expansão das gramáticas formais e do paradigma cognitivista, que na maioria das vezes abandonarão a ideia de investigação sobre *corpus*, excluindo assim, entre tantas mais, as obras literárias. À proporção que se (hiper-) especializam e se esquecem da literatura os linguistas, irão os literatos se desencantando com as teorias da linguagem, e chegamos ao quadro atual em que vemos uns e outros, cada vez mais, dando-se as costas. Rastier conclui seu trabalho em tom programático, defendendo a oportunidade de um reencontro dessas pesquisas sobre o solo abrangente e renovado das ciências do texto e da cultura, cujas problemáticas não se deixam reduzir à pura formalização de um frasal descontextualizado, nem à compilação de dados estatísticos sobre a mera transmissão de informação, nem tampouco à pauta biologizante hoje propulsada por alguns setores do cognitivismo.

No artigo "Graus de concessão: as dinâmicas do inesperado", Mariana Coutinho (UFF) e Renata Mancini (UFF) tomam por base a contraposição, introduzida pela semiótica tensiva, das lógicas implicativa e concessiva do discurso, para se indagar sobre a possibilidade de, estabelecendo-as como os polos de um *continuum*, pensar "graus de concessividade" (ou de implicação) situados nas regiões intermediárias desse percurso. Em outras palavras, imaginar um arco que levasse da *implicação máxima + concessão mínima*, disposição que Claude Zilberberg denomina "exercício", até a *implicação mínima + concessão máxima*, que o teórico francês chama de "acontecimento". O ganho consistiria em poder situar mais precisamente, por exemplo, para determinado discurso, uma "quebra de expectativa" que, produzindo alguma surpresa, não chegasse a

se configurar como um "acontecimento" nessa acepção. As discrepâncias, dado um certo horizonte de expectativas, entre o que se aguardava *de direito* e o que se constata *de fato* – cuja pertinência a semiótica tensiva é pioneira em demonstrar – são filtradas, nesse estudo, pelos chamados modos de existência semiótica (virtualizado – atualizado – realizado – potencializado) e começam assim a receber um novo grau de refinamento conceitual ainda por explorar em futuras pesquisas. Parece especialmente motivante, por exemplo, a formulação da situação referida nas considerações conclusivas do artigo: em caso de uma reiteração rápida de quebras de expectativa no enunciado, o enunciatário tenderia a interpretar essas rupturas como o *modus operandi* daquele enunciado, e isso teria o poder de enfraquecer a concessividade dessas mesmas quebras. Talvez se pudesse transpor esse dispositivo para auxiliar a compreensão da situação distópica-disfórica vivenciada no Brasil de agora, com a estratégia, desde 2019, de criação e difusão cotidiana de ações e declarações desaforadas, imorais ou repulsivas pelos ocupantes dos mais altos cargos do governo federal: há aí uma reflexão a ser feita sobre a oficialização e trivialização da baixaza, acarretando como corolário, no limite, a normalização do inaceitável.

Amplamente debatidas na semiótica recente, as noções de "forma de vida" (Wittgenstein, posteriormente relido no âmbito da semiótica discursiva) e de "práxis enunciativa" são focalizadas por Renata Cristina Duarte (USP) em seu estudo "Fidelidade e mudança: a relação entre formas de vida e práxis enunciativa", no qual, depois de apresentar esses conceitos relembrando as definições dos principais semiotistas que trabalharam esses pontos, revisita a ideia do "belo gesto" tal como proposta por Greimas e Fontanille. Discute, a seguir, as relações entre as duas noções iniciais, conforme indica o título do trabalho, para, nas conclusões, avaliar as interfaces desses conceitos com a teoria da semiosfera, de Iuri Lotman. O leitor ganha, com esse artigo, uma escrupulosa revisão das noções em destaque, acompanhada de novas teses que vêm correlacionar a dinâmica das formas de vida e – assim como na contribuição de Coutinho e Mancini – os modos de existência semiótica, em diálogo com os princípios lotmanianos, de uma parte, e, de outra, com a teorização tensiva sugerida por Fontanille e Zilberberg no capítulo "Presença" de sua obra *Tensão e significação*.

Em "Semiótica das estruturas sociais", texto de Lucas Calil (FGV-RJ), as ideias de semiosfera e formas de vida tornam a comparecer como centros de interesse. Pensando a seu modo um "aquém do texto", Calil projeta o olhar numa anterioridade formada pelo pano de fundo social em que se observam a gênese, a difusão e a saída de circulação dos discursos. A preocupação de fundo, hoje partilhada por vários estudiosos, sobre os caminhos pelos quais a semiótica poderia transpor a descrição verticalizada de textos individuais para contribuir com a compreensão de conjuntos textuais mais vastos, atravessa o trabalho.

Nessa direção, o autor indica a abertura de perspectivas trazida pelas propostas recentes de Jacques Fontanille em sua teoria dos níveis de pertinência semiótica, acrescentando uma discussão sobre o aporte sociológico de Pierre Bourdieu (o peso relativo do capital econômico e do capital cultural na dinâmica das diferenças de classe) e Mark Granovetter (os laços, mais fortes ou menos, mantidos entre indivíduos e grupos na sociedade), sem deixar de assinalar, quanto a este último, afinidades com a teoria lotmaniana da semiosfera. No epílogo, retoma o exame das formas de vida tais como interpretadas por Fontanille; é aí que se debruça sobre a necessária veridicção envolvida na adesão dos sujeitos a esta ou aquela forma de vida, bem como sobre o "entendimento tácito" entre os parceiros de um ato de comunicação, assentado necessariamente sobre determinado regime de crença. Lucas Calil nos traz, em suma, um bom momento de reflexão sobre os possíveis passos da semiótica se desejar intervir, em parceria com disciplinas vizinhas como a sociologia ou a antropologia, nos debates – hoje tão prementes, face às rápidas mudanças em curso – sobre os grandes condicionamentos da circulação dos discursos em sociedade.

Em seguida temos dois artigos voltados para o exame do texto literário. No primeiro, Djavam Damasceno da Frota (UFC) ocupa-se do que denomina “poética da escrita”, isto é, um modo específico de agenciamento das formas plásticas característico da produção poética concretista. A partir da comparação do poema “pluvial/fluvial”, de Augusto de Campos, com o caligrama “Chove”, de Apollinaire, o autor assinala as diferentes estratégias de cada enunciador para estabelecer as correlações entre a expressão plástica da escrita e os conteúdos veiculados pelos textos analisados e para demonstrar como, no poema concreto, a ênfase desloca-se do sistema fonológico-alfabético ocidental para uma dimensão gramatológica. Tal como mostra Frota, com esse tratamento a escrita do poema concreto explora, para além da função dos signos gráficos no interior do código linguístico, as possibilidades de sua ressemantização em virtude das formas plásticas que eles assumem no espaço da página. Conforme os poetas concretos, esse modo plástico de compor confere à escrita uma dimensão *verbivocovisual*, ou seja, um novo parâmetro de produção e leitura em que a imbricação dos dados fonológicos, gráficos e semânticos responde pelo efeito de sentido global do poema.

Também voltado para o texto literário, o artigo de Gustavo Maciel de Oliveira (USP) investiga a relação entre a crise de veridicção e o gênero neofantástico, para a qual apresenta, como peça ilustrativa, a análise que faz do conto “A preocupação do pai de família” do escritor tcheco Franz Kafka. Admitindo que a concepção de fantástico não pode prescindir da noção de realidade por conta da reciprocidade de suas definições, Oliveira busca determinar qual é o estatuto do “real” implicado na reflexão dos teóricos do neofantástico. Antes, porém, faz perceber que, tal como seria de esperar, o

“fantástico clássico” é definido relativamente a uma dada concepção de “real”, ao passo que o “real” do neofantástico constituir-se-ia de uma confluência do “real” e do “supra-real” do “fantástico clássico”, uma espécie de termo complexo que reuniria o normal e o anormal, o natural e o sobrenatural, o lógico e o ilógico. O autor destaca ainda o pioneirismo de Kafka em fabular ao estilo do neofantástico, o que pode fazer do escritor tcheco um precursor de Borges e Cortázar.

Domingos de Souza Machado (UFC) trata em seu artigo da identidade ética, ou simplesmente *ethos*, do enunciador de uma epístola de Paulo a Filemon. Honra assim uma longa tradição dos estudos semióticos ao colocar o texto bíblico mais uma vez sob exame. Após analisar as relações intersubjetivas envolvendo os actantes da narrativa (destinador-manipulador e destinatário-manipulado) e da comunicação (enunciador e enunciatário, narrador e narratário), Machado constata que Onésimo, escravo fugido de Filemon, vai gradativamente mudando de estatuto existencial conforme o missivista Paulo argumenta em favor do acolhimento de Onésimo pelo seu amo. Para poder ser novamente acolhido, o escravo se vê então elevado pela argumentação do evangelista em uma dada hierarquia familiar: primeiramente, é negado em sua condição de escravo para assumir, depois, o estatuto de filho em Deus e, em seguida, de irmão em Cristo. Machado conclui que o conjunto das estratégias discursivas adotadas pelo apóstolo Paulo na sua tentativa de convencimento de Filemon confere a ele, enunciador Paulo, um *ethos* de um amigo, companheiro, humilde, solidário, benevolente, afetuoso, e de um destinador competente.

Ocupado com as gradações afetivas na constituição do sentido, Gustavo Bonin (ECA-USP) promove em seu artigo um encontro inusitado entre a teoria semiótica tensiva de Claude Zilberberg e a música cênica contemporânea. Servindo-se da hipótese tensiva como instrumento analítico-explicativo, Bonin descreve as estratégias de dominâncias, transportes e ambivalências entre as presenças musical e cênica mensurando a conformação gradativa e aspectual dos modos de seu contato utilizada para configurar os estilos e os pontos de vista previstos pela música cênica. O autor propõe três formas típicas de presença do musical e do cênico em contato, isto é, três tipos de estilos tensivos: um primeiro, que prima pela predominância musical; um segundo, que equilibra as presenças numa dominância intermediária; e um terceiro, que responde pela predominância cênica. A cada um desses três tipos de estilo, Bonin associa, com base na análise que realiza, a obra de um compositor brasileiro: Willy Corrêa de Oliveira, como representante do primeiro; Gilberto Mendes, do segundo; e Tim Rescala, do terceiro.

O artigo de Marcos da Veiga Kalil Filho (UFF) traz uma análise comparativa entre as estratégias enunciativas de duas peças jornalísticas veiculadas por duas revistas brasileiras de grande circulação: *Veja*, considerada de perfil conservador, e *CartaCapital*, de perfil progressista. Pelo exame das notícias que seleciona, o

autor verifica que ambas as revistas investem na passionalização do seu discurso e adotam uma espécie de “retórica do inimigo”, de confrontação entre identidades urbanas (cidadão de bem *versus* bandido, por exemplo), desviando-se assim de cumprir a função jornalística de apresentar uma discussão crítica, distanciada e abrangente da violência nas grandes cidades. Para Kalil Filho, enfim, as duas revistas, nas reportagens analisadas, acabam por promover a espetacularização da violência e a estetização do sofrimento alheio, o que denuncia certa desreferencialização do arcabouço teórico-principiológico dos Direitos Humanos na direção de uma retórica apaixonada por parcela do jornalismo das duas revistas.

Isabel Marcos (Universidade Nova de Lisboa) faz uma incursão histórica no seio das transformações da Europa ocidental em finais do século XIX, quando o otimismo induzido pelo progresso técnico e científico se ilustrava em eventos de forte repercussão como as "exposições universais"; seu artigo põe em destaque a exposição ocorrida na capital francesa no ano de 1900. Nela se expõem, de um lado, conquistas dos anos recentes no domínio técnico-científico; de outro, ali também se podem antever os impactos das grandes novidades técnicas graças às quais irá transformar-se, no século seguinte, o território urbano, bem como a vida cotidiana dos cidadãos em tal território: a eletricidade, o automóvel, o metrô, o cimento armado. Em sua análise, Isabel Marcos pensa o evento urbano frente às posições actanciais dos experienciadores da exposição (sujeitos cognitivos) e dos seus múltiplos promotores (urbanistas, políticos, patrocinadores...), que ocupam o lugar do sujeito operador coletivo que o faz ser. Põe em tela, assim, um grande acontecimento comemorativo numa sociedade ainda acalentada pela euforia dos próprios avanços técnicos, científicos, artísticos, que embevecida com o presente imediato, efêmera *Belle Époque*, mal podia pressentir o ano de 1914, destinado a marcar em breve o início de uma das mais dramáticas páginas da sua história.

Que os estudos presentes nesta edição possam constituir, nesta época tão difícil, leituras proveitosas, colaborando para o avanço da formação em semiótica e incentivando os debates com os colegas das áreas afins. Boa leitura!

 **For the promotion of cultural sciences: semiotic contributions**

 LOPES, Ivã Carlos

 SARAIVA, José Américo Bezerra

 LIMA, Eliane Soares de

Como citar este artigo

LOPES, Ivã Carlos; SARAIVA, José Américo Bezerra; LIMA, Eliane Soares de. Pela promoção das ciências da cultura: contribuições semióticas. *Estudos Semióticos* [online], volume 16, número 2. São Paulo, outubro de 2020. p. i-vi. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

LOPES, Ivã Carlos; SARAIVA, José Américo Bezerra; LIMA, Eliane Soares de. Pela promoção das ciências da cultura: contribuições semióticas. *Estudos Semióticos* [online], vol. 16.2. São Paulo, october 2020. p. i-vi. Retrieved from: <www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: year/month/day.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons License CC BY-NC-SA 4.0.

